

# **AS MARCAS GRÁFICAS E DESENHOS COMO LINGUAGEM DA INFÂNCIA: DESAFIOS À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS<sup>1</sup>**

Andréia da Silva Oliveira<sup>2</sup>

Luana Barbosa Preto<sup>3</sup>

Maria Regina Johann<sup>4</sup>

Este trabalho reflete sobre as marcas gráficas e os desenhos das crianças, bem como a sua importância para a formação da professora pedagoga. O pressuposto básico é o de que estas manifestações plásticas são linguagens próprias da infância e se constituem nas primeiras formas de expressão e comunicação que a criança usa para interagir, conhecer, expressar e significar. Esta é, portanto, uma das linguagens fundamentais da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, porém nem sempre esta compreensão é clara entre as professoras que atuam nestas etapas da educação escolar. Em vista disso, o curso de Pedagogia da Unijuí assume que este tema é fundamental para a formação da professora pedagoga e dá ênfase para as linguagens artísticas em seu projeto de curso (fizemos referência às professoras pedagogas, pois na tradição desta área as mulheres têm ocupado um lugar de destaque, uma vez que prevalece o gênero feminino na procura do Curso, e particularmente nesta turma.). Assim, o relato de experiência que nos propomos a compartilhar nasce de um estudo teórico-prático que incluiu leituras, observações e análises de marcas gráficas e desenhos que crianças, com diferentes idades, produziram em ambientes escolares e domiciliares.

A reflexão desta atividade permitiu a compreensão de que as marcas gráficas e, mais tarde, os desenhos são linguagens que se estruturam e se complexificam ao longo do desenvolvimento das crianças e podem perdurar por muitos anos, desde que se cultive o desenho como linguagem. O processo de aquisição da linguagem visual se dá na inter-relação da corporeidade e capacidade cognitiva do indivíduo, em que o corpo se estrutura articulado à capacidade de observação, pensamento, gesto, percepção e construção de sentidos a partir das vivências coletivas e individuais de cada criança. De nosso ponto de vista, a professora necessita

---

<sup>1</sup> Relato de experiência realizado a partir de uma prática desenvolvida em uma escola de Três Passos/RS por meio do componente curricular Arte - Educação ofertada pelo curso de Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, andreia.88881@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, luanabpreto@hotmail.com

<sup>4</sup> Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, orientadora, maria.johann@unijui.edu.br

compreender como se dá a construção da linguagem visual nos diferentes momentos da infância para então estar preparada para propor e mediar situações nas quais a linguagem visual venha ser um aspecto importante da vivência escolar.

Para compreender sobre o modo como as crianças constroem seus desenhos e como os mesmos se configuram em processos que ilustram os conhecimentos de mundo, as percepções visuais, as relações intersubjetivas e as capacidades motoras e cognitivas das crianças buscamos em autores como Edith Derdyk, Maria Letícia Vianna, Luciana E. Ostetto referências conceituais para embasar este estudo. Dessa forma, procuramos compreender o desenho infantil como linguagem essencial para o desenvolvimento da criança, como uma dimensão da sua constituição estética e cognitiva. Destacamos, então que

[...] há uma identidade entre a criança e seu desenho, no qual produção e produtor se fundem. Ao desconsiderarmos o desenho em processo, estaremos igualmente desconsiderando a criança, sua história, seus sentimentos, seus sonhos, suas experiências. Mais do que um exercício, o desenho como produto é sua vida, portanto, esta não pode ser desvalorizada. Não é mesmo espantoso e radical mergulhar nessa concepção? O que pareceria um simples desenho, um rabisco apenas, bolinhas esparsas, indícios de esquemas, é toda uma vida! É preciso ter muito cuidado para não negarmos aos meninos e meninas esse espaço vital de criação e construção de pensamento (DERDIK apud OSTETTO, 2011, p. 12).

Assim, cabe à escola proporcionar a experimentação de diversas linguagens e saberes expressivos, pois o desenho e as manifestações artísticas são formas universais de comunicação construída ao longo da vida humana. Nos primórdios, o homem também deixou suas marcas gráficas em cavernas, desenhou imagens, representou símbolos e constituiu sua linguagem. A marca gráfica também se constitui parte de um processo de representação pessoal e cultural, na qual a criança se comunica, exprime seus sentimentos e pensamentos.

É necessário levar os educadores a pensarem sobre outras perspectivas que fogem de um padrão hegemônico e que define antecipadamente o que é bonito, feio, certo ou errado. Este aspecto é fundamental, pois a professora é mediadora do processo de aprendizagem escolar que se inicia na educação infantil e se desdobra até o ensino médio, e a sua proposição e mediação é que apresenta possibilidades de aprendizagens e de enriquecimento científico, artístico e cultural. Por isso é necessário ampliar o repertório da própria professora.

A marca gráfica da criança é sua primeira representação de experiências relacionando o seu “eu físico” e sua imaginação. Derdyk (1990, p. 101) nos ajuda a entender isso quando menciona que “o signo gráfico é resultante de uma ação carregada de uma intencionalidade ainda não totalmente expressa. O olho, espectador dessa conversa entre a mão, o gesto e o instrumento, percebe formas”. A marca da criança pode parecer aos olhos dos adultos apenas riscarias, contudo, ela nasce de uma atividade motora que inicia a criança na intencionalidade

de fazer algo, pois “o gesto gráfico é o exercício da sensibilidade, afinada com as pontas de instrumentos hábeis em marcar as diversas superfícies: energia pura sedimentada em formas” (DERDIK, 1990, p. 101). Compreender a relação entre gesto e marca, entre imaginação e composição, entre conhecimento e conceito é fundamental para que se entenda a importância deste processo na vivência escolar. Muitas professoras oferecem desenhos pedagógicos (infelizmente carregados de estereótipos), por desconhecer o processo de construção da linguagem visual, ou seja, veem as marcas gráficas e as garatujas como algo a ser superado, melhorado (garatuja é a denominação que se dá para as marcas gráficas mais intencionais e se caracterizam conforme o nível de representação e capacidade de simbolismo.), como um erro e não como uma construção própria da primeira infância.

No processo de desenvolvimento da linguagem visual a criança amplia a produção plástica na medida em que consegue relacionar o que sabe com a capacidade cognitiva e motora de representação dos símbolos de sua cultura. Quando já simboliza e representa conforme os objetos, os animais ou as pessoas se assemelham, então já é um momento de maior interação e proposição da professora, mostrando-lhe possibilidades que vão desde a educação do olhar pela observação e percepção das coisas, a experimentação de diferentes materiais plásticos e estruturas tridimensionais, bem como, a apreciação e a leitura de imagens de diferentes estilos estéticos. A isso denominamos de alfabetização visual, algo que ainda é pouco potencializado na educação escolar, especialmente entre as primeiras etapas da educação básica.

Considerando o exposto, o objetivo deste trabalho é possibilitar o conhecimento sobre a constituição do desenho como linguagem visual e ampliar a compreensão deste tema no horizonte da formação da professora pedagoga.

Este trabalho foi realizado a partir de uma proposta pedagógica, da disciplina de Arte-Educação do Curso de Pedagogia da UNIJUI, que possibilitou vivências escolares e a busca por saberes a partir do estudo das marcas gráficas e desenhos de crianças de dois a sete anos de idade, neste caso com crianças da cidade de Três Passos, Rio Grande do Sul. Esta tarefa consistiu em leituras de arte-educadoras que estudam o desenho infantil e o sentido deste tema na educação escolar, entre elas, Derdyk (1990), Vianna (2012), Ostetto (2011) e Martins et al (1998), bem como, em observação de crianças garatujando e desenhando. Em escolas ou em domicílio, propusemos às crianças a elaboração de desenho que poderia ser criado partir de uma história, de uma imagem, de uma brincadeira ou simplesmente a partir do que as próprias crianças desejassem fazer. Os materiais usados foram especialmente lápis coloridos, canetão e giz de cera. Coletamos em média 30 trabalhos e, a partir da análise dos mesmos, buscamos relacionar a teoria com a prática vivida. Identificamos as marcas gráficas/garatujas e os

desenhos, posteriormente classificamos a partir das caracterizações teóricas de garatuja desordenada, garatuja ordenada, desenho simbólico e desenho realista. Após esta etapa, passamos a relacionar a marca/garatuja e o desenho com a narrativa da criança, ou seja, o que disse, como nomeou, como explicou sua produção. Assim, relacionamos esta prática pedagógica com os fundamentos e conceitos de linguagem plástica, linguagem visual, linguagem expressiva, pensamento visual, educação do olhar, estética, criação artística escolar e ludicidade. A culminância desta tarefa foi a organização de um álbum e socialização desta pesquisa entre as colegas e a professora.

O estudo dessa temática nos trouxe compreensões a respeito da arte como um princípio para a formação do sujeito e um elemento essencial para a formação da professora. Nesse sentido, entendemos que precisamos ampliar nossos olhares e pensar constantemente sobre nossa prática transformadora, nisso é indispensável pensar a arte como produção de cultura, de um fazer próprio e único que enriquece o mundo humano. E, assim, constituir sujeitos mais autônomos, formando seres humanos com potencial criativo e afetivo, que pensem a arte como um todo e também nas suas particularidades.

A arte como produção de saberes deve estar envolvida no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Não podemos deixar de dizer que a arte deve ser parte constituinte de todo o ser humano durante toda sua vida, pois é ela que desperta em nós dimensões importantes de sensibilidade. Destacamos este tema na infância porque é nela que se inicia o processo de aquisição da arte como linguagem e expressão. É primordial entendermos que a criança não só desenha, mas dá sentido, atribuindo significados ao que cria.

Entendemos que precisamos repensar sobre a arte disponibilizada às crianças no contexto escolar, pois, muitas vezes, o estereótipo aparece em diferentes linguagens: a música que é trabalhada para “marcar a hora do lanche” ou de ensinar hábitos de higiene, a impressão das mãozinhas para criar borboletas e os desenhos didáticos para ilustrar conteúdos ou atividades escolares. Todos estes exemplos vão contra a ideia de uma docência responsável e pensada na potencialidade da criação e do desenvolvimento expressivo das crianças.

Por serem basicamente os mesmos, os estereótipos de tão reproduzidos, multiplicados e utilizados, se tornaram largamente difundidos e aceitos, constituindo-se já em uma espécie de estereótipos mentais, isto é, os clichês estão armazenados nas gavetas de nosso cérebro e basta querermos para que nossas mãos consigam, sem muito esforço, representá-los (VIANNA, 2012, s/p).

Como educadores devemos “fugir” do fácil, do cômodo, refletindo e repensando nossas práticas e metodologias que muitas vezes são pouco pessoais, inspiradas em livros didáticos ou propostas de outros professores. Percebendo as crianças como produtoras de cultura e

valorizando a arte como um processo contínuo de conhecimento que envolve a busca, a experimentação e a possibilidade, entenderemos que é imprescindível potencializar a dimensão criativa das crianças.

Alimentar o universo imaginário das crianças, provocando o desejo que faz mover a busca, implica tempo de espera. Não se dá instantaneamente. O tempo linear, que passa controlado pelo adulto, na rotina do trabalho educacional-pedagógico, em regra, não foi e nem está pensado e planejado para acolher a arte, que obedece à espécie de tempo-espera. É preciso tempo para deixar as coisas acontecerem. Sem isso, invariavelmente, haverá a imposição de ritmos, estabelecendo a força da determinação cronológica, limitando experiências (OSTETTO apud OSTETTO, 2011, p.7).

O desenho é linguagem e assim o compreendemos como uma produção carregada de significado e intencionalidade. Desenhando a criança deixa sua marca reconhecendo algo como seu. Ao desenhar mobiliza todo seu corpo, toda a sua potencialidade humana, pois ela canta, imagina, conta histórias, mimetiza, dramatiza, evidenciando um mundo lúdico, construído pelo seu universo social, cultural, cognitivo, simbólico, afetivo e imaginário.

A formação de professores é um constante processo de conhecimento, porém, muitas vezes, a professora que atua na educação infantil não compreende a marca gráfica da criança como uma linguagem expressiva, de autoria da criança. E, neste sentido, equivoca-se quando intervêm sobre o desenho da criança identificando “o que” desenhou, pois entendemos que com isso ela interfere na construção plástica da criança, aquilo no qual ela é a autora. Ao fazer isso, nega-se a autoria e o respeito à criação, como se a palavra fosse imprescindível para a interpretação visual, ou como questiona Ostetto (2011), se desenho é linguagem não necessita de legenda.

Nesta atividade, por várias vezes, constatamos que a professora não tinha muita clareza do modo como a criança lidava com sua criação, sugerindo e direcionando o que fazer, que cor usar... Por vezes, a professora não atende ao tempo de criação das crianças e o modo como lidam com os materiais e, por isso não oportuniza materiais como argila e tintas, que por sua própria constituição “matéria” geram situações mais “desorganizadas”, menos “controláveis” plasticamente.

Entendemos que a professora como mediadora de processos criativos precisa recuperar sua imaginação para compreender a criação e a expressão dos alunos. Precisa desse encontro lúdico consigo mesma, redescobrando suas linguagens, muitas vezes silenciadas pela própria educação que teve. Linguagens que muitas perdem durante o processo de escolarização, talvez por que não foram autorizadas a criar, a inventar a se expressar. Talvez o seu modo de ver a criação da criança seja o mesmo como vê a si mesma; o seu modo de ver, dizer e expressar o mundo, poeticamente.

Vejo o educador como essa pessoa-chave para mediar os caminhos da criança no mundo simbólico da cultura, da arte. E nesse caminhar, na experiência compartilhada, ele vai aprendendo a reparar em seu ser poético. Seguindo de mãos dadas com as crianças e comprometido com o resgate de seu próprio eu-criador, o professor amplia sua possibilidade de compreendê-las, de reconhecer seus “despropósitos” e apoiar suas buscas e escolhas. Converte-se, então, em parceiro privilegiado de novas e infinitas aventuras poéticas! (OSTETTO, 2011, p. 13).

A interferência escolar que consideramos mais apropriada enriquece e permite a criação, colaborando para novas descobertas e experimentações em toda trajetória escolar. Em contraponto a interferência menos apropriada pode causar uma barreira para esse descobrimento, uma vez que as professoras tenham em si um padrão hegemônico internalizado e radicalizado, limitando a arte como um fundamento para a constituição do sujeito. Para que isso não ocorra, voltamos a dizer que é necessário um olhar amplo e sensível da professora, partindo de suas próprias noções de criatividade e história.

A experiência que tivemos com este trabalho acadêmico possibilitou conhecer a especificidade da infância e, nela, o desenho como uma linguagem própria que permite não só conhecer a criança, mas também conhecer o que a criança conhece, ou seja, o desenho se articula à fala, ao corpo, ao imaginário, ao cognitivo e isto não é pouca coisa em se tratando de educação escolar. Observando as crianças produzindo e estudando sobre sua produção nos damos conta da amplitude e relevância deste tema na formação inicial, percebemos que podemos desacreditar no poder da criatividade, da expressão, da criação.

**Palavras-Chave:** Linguagens expressivas; Criação artística escolar; Docência; Arte; Educação.

#### REFERÊNCIAS:

DERDIK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990. Série pensamento e ação no magistério.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha T. **Didática do ensino da arte**. A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FDT, 1998.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis. **Cadernos de Formação da UNIVESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

VIANNA, Maria Letícia R. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?**, 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343>. Acesso em março de 2017.